

ONDE ESTÁ
O BRANCO
EM TI?

RICARDO ANTUNES

ONDE ESTÁ
O BRANCO
EM TI?

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2021

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: Onde Está o Branco em Ti?

Autor: Ricardo Antunes

Revisão: Sónia Estrela

Paginação: Miguel Antunes

Capa: Diana Trigo / Alma dos Livros

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 484 213/21

1.ª edição: agosto de 2021

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na Lei.

Quando partimos, não sabíamos para onde íamos nem por que motivo íamos. Fomos apenas.

Seguimos o impulso que brotava dentro de nós e que nos impelia para uma vida nova.

Quando estamos atentos, apercebemo-nos de que ao longo da nossa vida vão-se-nos deparando constantemente vários caminhos pelos quais temos de nos decidir. Simultaneamente, enquanto escolhemos um, há outro que deixamos para trás — é inevitável.

O caminho que escolhemos depende apenas de nós.

Capítulo Um

LONGE DA VISTA

Tudo estava normal. A nossa vida não era diferente da de outras pessoas. Mas um dia um terrível bilhete, encontrado junto a um corpo inerte em cima duma cama, viria a alterar essa situação para sempre.

Amigos,

Estou sozinho, à beira do abismo e da noite escura. Sinto-me vazio e não consigo encontrar nada que preencha a solidão que me destroça o peito.

É difícil começar, sobretudo quando estamos no princípio do fim.

Quando todos estiverem a ler esta carta, eu já não estarei cá.

Gostei muito de cada momento que passei com vocês. De grandes conversas, de grandes passeios, de grandes coisas que fizemos em conjunto. Tive dias muito felizes ao vosso lado. Gostei de saber que a minha vida tocou a vossa de alguma maneira. Só perto de vocês consegui ter alguma felicidade. Aprendi tanto com vocês que nunca vos pude devolver tudo aquilo que me deram.

Obrigado por tudo, pelas recordações, pelas ilusões, pelos sonhos, pelos conselhos. Obrigado pelos vossos sábios olhares e pelos sorrisos enternecedores. Obrigado por chorarem, e deixarem que eu chore também.

*Desculpem ter-vos deixado sem despedida, mas não quis tornar
as coisas ainda mais dolorosas para todos nós.*

Infelizmente, já não consigo mais viver.

Adeus

Pedro

*

Chove intensamente, o caixão está a descer. Por entre as lágrimas de alguns e a revolta de todos, o meu pensamento dirige-se para cada um daqueles que vieram dizer um último adeus ao Pedro. A sua morte chocou-nos a todos, ninguém sabe bem o que dizer, talvez por ainda acreditarmos que isto é um pesadelo e que, quando acordarmos amanhã, tudo vai voltar a ser igual. Ninguém quis faltar. É natural, o enterro de hoje não é apenas o do Pedro, mas também de parte das nossas vidas e dos nossos sonhos. Não sei que fazer ou que pensar. Pergunto a mim mesmo se tudo isto fará realmente sentido, se será justo alguém morrer tão jovem, com tantos objetivos por realizar, com tantas decisões por tomar, com um milhão de experiências por viver.

Estou encharcado. Não me sinto com forças para nada, sinto que o mundo parou e não o vou conseguir voltar a fazer andar. Sempre soube o passo a dar, mas agora... estagnei. Não sei que rumo hei de tomar, não sei o que vou fazer amanhã, e o pior de tudo é que não estou preocupado com isso. A realidade é que todos nós sentimos o vazio que a falta do Pedro nos provoca e, embora a morte seja a única coisa que temos certa desde o primeiro dia da nossa vida, nunca estamos preparados para ela.

Não consigo compreender ainda o porquê de as coisas terem acontecido desta forma, aliás, não sei se algum dia chegarei a perceber. O espaço, o vazio que a morte prematura dele nos deixou no coração, ficará para sempre por preencher. É difícil aceitar que nunca mais voltaremos a ver alguém que esteve ao nosso lado desde sempre, nos bons e nos maus momentos, alguém com quem rimos e chorámos, alguém que nos deu muito sem pedir nada em troca, alguém que agora nos deixou sós... à espera do fim.

Os coveiros cobrem agora o caixão com terra. A chuva, constante, purifica este momento final. A Ana chora, abraçada à mãe inconsolável, a Susana agarrou a minha mão com força e conteve uma lágrima, o Miguel e o Jorge mantêm a postura serena característica dos homens fortes e, embora o sintam tão ou mais dolorosamente do que os restantes, são aqueles que acalmam a situação. O Luís não disse uma palavra durante todo o dia e o Paulo, calado, desvia o olhar para uma velha senhora que deposita flores numa campa próxima. Fá-lo com um cheirinho a saudade e a nostalgia, algo que com a velhice se torna mais próximo, talvez porque se tem mais tempo para pensar nisso e porque o fim parece mais perto.

As coroas de flores já estão por cima do monte de terra, negra, tal como o nosso estado de espírito. Uma fita a dizer «Até breve, amigo. Vemo-nos por aí, quem sabe... no céu», foi de todas, a única que fixei na memória.

A caminho de casa pus-me a pensar como seria bom poder pôr um anúncio no jornal a dizer: Procura-se amigo, nobre e honesto, simpático, com uma maneira de ser muito própria, que esteja sempre connosco quando dele mais precisamos, enfim, o melhor de todos. A quem o tiver pede-se o favor de o devolver.

Hoje deve ser a primeira sexta-feira ao longo destes anos em que não vamos sair todos juntos à noite, e o que me assusta mais é que eu, pela primeira vez, também não estou com vontade alguma de ir. Pois é, muita coisa mudou com a morte do Pedro, dá vontade de chorar, não sei se pela perda do amigo, se por não perceber o porquê da sua morte.

À noite telefonei à Ana para a convidar a sair comigo, para falar com ela e tentar compreender um pouco melhor tudo isto (se é que existe alguma coisa para compreender) e tentar fazer com que a tristeza dela, pela morte do irmão, seja um pouco amenizada.

Vou-me deitar. Pode ser que amanhã acorde e tudo esteja como dantes.

*

Não está.

A rosa vermelha que arranquei de um dos ramos continua por cima da cómoda, e a falta de força de vontade de me levantar da cama é bem exemplo do meu estado de espírito. Já não sei quem sou, já não sei onde vou, as estrelas já não me iluminam, e as árvores já não falam comigo. Quem me pode dar a mão? Alguém terá coragem para isso? Estou desiludido e só me apetece parar, desistir. Para que é que hei de continuar? Não sei se hei de ir em frente, voltar para trás, ou simplesmente mudar de rumo... não sei mesmo. Talvez até pare. Até o relógio olha, indiferente, e a apatia da minha casa ao sábado não me dá vontade de me levantar. Olho em volta e já não conheço nada, a magia quebrou-se e a casa está vazia, os corredores não têm ninguém e eu olho para mim e já não sou o mesmo, e já nada me dizem as pessoas nem as paredes à minha volta. Não sei até se valem a pena todas as coisas por que lutei até aqui, se de um momento para o outro tudo desaparece sem que possamos fazer algo para o impedir. Estou desiludido, mas a vida, infelizmente, continua. Almocei e em seguida fui ter com a Ana ao parque. Quando cheguei, ela ainda não estava lá. Sentei-me e esperei pacientemente enquanto observava as pessoas que passavam apressadas a caminho de algum lugar, embrenhadas na sua rotina diária. Cinco minutos depois lá estava ela. Cumprimentou-me com dois beijos na cara e sentou-se quieta a olhar-me.

– Como estás? – perguntei-lhe.

Depois de um longo silêncio, e enquanto olhava para o vazio, ela respondeu:

– Como querias que eu estivesse? Já não percebo nada, por vezes o destino é tão ingrato. Só queria ter o poder de mudar as coisas, de poder escolher aquilo que quero, pegar numa varinha mágica e voltar a deixar tudo como antes, nos tempos em que ainda podia dizer que era feliz. Passou um dia, mas para mim parece que passaram anos, deixei de ser a rapariga despreocupada de antigamente para me tornar mais consciente da vida e das nossas limitações. Se tudo aquilo que construímos é tão efêmero, qual é o sentido de estarmos aqui a construir o que quer que seja? – deixou a pergunta no ar, mas disse em seguida:

– Espera, não respondas. É nenhum, a vida não tem sentido.

– Ana – interrompi eu –, não digas isso. Hoje em dia é muito difícil termos a certeza de alguma coisa, eu sei. Com a rapidez com que as coisas materiais mudam, é muito difícil construir exteriormente alguma coisa sólida, seja dinheiro, fama ou beleza. É por isso que a nossa única saída é agarrarmo-nos à certeza daquilo que nós somos por dentro e à capacidade que temos de nos tornarmos, e aos outros, mais felizes. Não podes desistir de viver, aliás, não podemos – fiz uma pausa e continuei:

– Não penses que eu próprio não coloco essas questões. Também a mim me é difícil entender e aceitar a morte do teu irmão, mas temos de continuar em frente e lutar para que a morte dele não seja em vão.

– É fácil falar, Alexandre – disse ela, enquanto lhe começava a escorrer uma lágrima pelo rosto –, é fácil dizer palavras cheias de poesia, mas difícil é fazer com que essas palavras tenham um sentido real. E neste momento tenho muito medo de que isso não seja possível.

Ficámos os dois um pouco em silêncio.

– Ah, é verdade! – disse, como se se tivesse lembrado de algo muito importante – o meu irmão deixou uma carta com o teu nome junto das coisas dele. Tenho-a aqui comigo.

Parámos de conversar, ela deu-me a carta e ali fiquei eu com a possível resposta para algumas das nossas perguntas.

Abri e li:

Alexandre,

Sempre foste aquele amigo mais especial, por isso escrevo para ti. Desculpa por não ter vivido decentemente a minha vida. Desculpa por não vos ter dito aquilo que sentia e ter entregue o meu desespero apenas ao papel. Desculpa ter escondido no computador as minhas últimas mensagens, mas não tenho ainda a certeza de que possam compreendê-las totalmente.

Um dia destes estive a ler alguns livros de Nietzsche e uns poemas de Mário de Sá-Carneiro e aquilo tocou-me profundamente.

O mundo limitava-os e limita-me a mim. Ando preso aos meus próprios limites. Eles sentiam a angústia de não conseguirem realizar um ideal profundo, tal como eu. Os limites de não amar ninguém, os limites de não ter nada concreto por que lutar, os limites que me separam da felicidade, os limites que não se mostram, mas que estão lá, em qualquer momento da vida. Tão presentes como o ar que respiramos e que muito raramente notamos. Tudo nos limita e quase não nos apercebemos disso. Limita-nos o emprego terrível para onde vamos todos os dias. Limita-nos a escola que só nos ensina aquilo que quer. Limita-nos a casa onde regressamos todos os dias e limitam-nos, sobretudo, as palavras e os pensamentos que nos restringem a um pequeno mundo. Pelo menos até ver...

Pergunto a mim mesmo e a vós: alguém sabe o que é que anda aqui a fazer?

Parece-me que a resposta é não. Embora quase toda a gente se entretenha a fazer alguma coisa, se formos sinceros e olharmos bem fundo dentro de nós, não sabemos nada. Muito pouca gente procura sinceramente a resposta às suas perguntas mais profundas. No fundo, vivemos uma vida inteira a lutar para conseguirmos coisas que quando morrermos não servirão para nada. Todos nascem, crescem e morrem, ninguém é diferente.

Talvez haja um caminho a ser trilhado, talvez consigamos mudar o mundo, talvez as pessoas deixem de ser autómatos a caminho do emprego ou dos seus lazeres diários, talvez, mas... hoje não há saída.

Pedro

Depois de ler aquilo e mostrá-lo à Ana, abraçámo-nos e as lágrimas começaram a escorrer-nos pela cara sem que pudéssemos ou quiséssemos evitar.

*

Passaram alguns dias até as coisas estarem relativamente calmas. O mundo retomava a normalidade, e a curiosidade a respeito daquilo que o Pedro tinha deixado escrito no computador de sua

casa levou-me a combinar um encontro com a Ana, uma noite depois de jantar, para investigar o assunto.

Toquei à campainha. Esperei um pouco e voltei a tocar. Achei estranho ninguém abrir a porta, já que a Ana me tinha dito que não ia sair. Voltei a insistir. Finalmente alguém abriu o trinco e eu subi. À porta esperava-me a Ana coberta apenas com uma toalha de banho. Estava lindíssima com a pele e o cabelo assim molhados.

– Entra – convidou, enquanto nos cumprimentávamos com dois beijos na cara –, desculpa a demora, estava a tomar banho – justificou-se ela.

– Deu para perceber – respondi, enquanto ia entrando. Dirigi-me ao quarto do Pedro.

– Podes ir ligando o computador – ouvi gritar do quarto da Ana –, vou só vestir o pijama e já aí vou ter contigo.

Liguei o computador e procurei um ficheiro com um nome sugestivo. Encontrei um que dizia carta.doc, pensei que talvez fosse o nome que o Pedro tivesse dado ao ficheiro, abri-o e comecei a ler:

São poucas as palavras que existem para descrever o que sinto por ti. Só sei que não olho para ti como olho para as outras pessoas. Acho-te uma pessoa maravilhosa e só espero que continues assim. Gosto muito de ti, não sei bem de que forma, mas estou a tentar descobrir. Gosto de ti, pelo menos como um amigo com quem eu gosto de estar. O teu sorriso encanta-me e não consigo deixar de querer estar perto de ti. É esquisito e se calhar estranho, só sei que por vezes o coração não se consegue controlar e dou comigo a sonhar o que poderíamos...

Não consegui ler mais porque a Ana entrou de repente no quarto e gritou:

– Alexandre, isto não é para tu leres! – disse chateada, enquanto fechava o documento.

– Desculpa... – respondi, ainda meio sem perceber aquilo que se tinha passado.

– Não faz mal, tu não sabias que não era esse o ficheiro – disse, enquanto se tornava visível a sua face corada. – Isso são umas coisas

que eu escrevi... nem sei bem o que é que dizem... não têm grande importância.

Estava decidido a acabar com aquele embaraço da Ana o mais rapidamente possível.

– Não precisas de te justificar. Vamos ao que interessa.

Ela puxou uma cadeira, sentou-se ao meu lado e começámos a busca pelos ficheiros, tentando encontrar um que pudesse conter aquilo que nós procurávamos: os desabafos do Pedro. Ainda passou algum tempo até que encontrámos um que nos pareceu sugestivo: *gritos.doc*. Tentámos abri-lo e apareceu no ecrã:

A alma é uma realidade inexorável. Podemos vendê-la, livrar-nos dela por um preço alto, envenená-la, ou melhorá-la.

Enter password (*Autor – Título*):

Tentámos abrir várias vezes o ficheiro e aparecia sempre a mesma mensagem. Sem sabermos qual seria a *password*, percorremos os restantes ficheiros em busca de alguma coisa relevante, mas não encontrámos nada de interesse. Então a solução seria encontrar a *password*.

– O teu irmão queria mesmo dificultar-nos a vida. – comentei.

– Talvez tenha pensado que só quando conseguirmos chegar à *password* é que estaremos preparados para perceber aquilo que ele pretendia transmitir, talvez o livro donde ele retirou esta frase seja um pouco simbólico em relação àquilo que ele sentia – sugeriu ela.

Ficámos em silêncio enquanto pensávamos na palavra que podia ser a chave para abrir aquele ficheiro e entrar no pensamento do Pedro.

– «A alma é uma realidade inexorável. Podemos vendê-la, livrar-nos dela por um preço alto, envenená-la, ou melhorá-la», é bastante profundo..., mas quem é que terá escrito isto? E onde? – perguntei a mim próprio em voz alta.

– Lembras-te da carta do outro dia? – recordou a Ana – Ele falava lá de Nietzsche e de Mário de Sá-Carneiro, pode ser que seja um desses dois.

– Pode ser que sim, mas eles escreveram tanta coisa... – disse eu.

– Então temos de começar a investigar. O que é que sabes deles?

– Pouca coisa. Sei que ambos tiveram fins de vida trágicos. Um enlouqueceu e o outro suicidou-se. Já li, aqui e ali, alguns excertos de algumas obras do Nietzsche e alguns poemas do Mário de Sá-Carneiro, mas muito pouca coisa.

– Então só nos resta mesmo investigar...

– Tens aí algumas obras deles?

– Acho que sim, vou ver.

Ela levantou-se e saiu do quarto. Regressou pouco depois.

– Tenho aqui algumas que estavam no quarto do meu irmão.

– Deixa-me ver...

Poemas Escolhidos, de Mário de Sá-Carneiro; *Assim Falava Zaratustra*, de Nietzsche; *Ecce Homo*, de Nietzsche; *Para Além do Bem e do Mal*, de Nietzsche. Eram os títulos dos livros que ela tinha trazido. Começámos a folheá-los em busca da tal frase. Depois de algum tempo sem encontrar, tive a ideia de simplesmente experimentar escrever todos os nomes de autores e dos respetivos livros e ver se algum deles era a *password*. Porém, pensei que, se o Pedro tinha deixado uma *password* no texto e nos tinha dito, na carta daquela tarde, ainda não ter a certeza de que pudéssemos compreender totalmente as suas palavras, era porque a leitura da sua mensagem deveria ser feita apenas na altura certa.

Continuámos a folhear e a ler partes dos livros, sem encontrarmos a respetiva frase. Lembrei-me também de que podiam não ser aqueles autores e ser outro qualquer, mas continuei a procurar porque, por enquanto, aquela era a única pista que tínhamos.

Depois de algumas horas a tentar encontrar a *password* e depois de a Ana ter adormecido com a cabeça no meu ombro, cansado das nossas tentativas inúteis para aceder ao ficheiro, acordei-a e decidimos continuar a busca noutro dia. Despedi-me dela, que me acompanhou à porta com os olhos semicerrados.

Enquanto caminhava para casa pelas ruas desertas, não parava de pensar em todos os acontecimentos que tinham preenchido estes últimos dias e em quais seriam agora os passos a dar para que a morte do Pedro não fosse em vão.

*

Durante a semana seguinte, andámos atarefados com as avaliações escolares. Só no fim de semana nos encontramos todos para ir assistir a um concerto.

Quando cheguei, já lá estavam o Luís, o Paulo, a Ana e a Susana.

– Já conseguiste descobrir a *password*? – perguntou o Luís.

– Não – respondi –, ainda não consegui descobrir o livro do qual ela foi retirada.

Sinceramente, depois daquela primeira noite, com as aulas e com tudo o resto, tinha-me esquecido um pouco de pensar naquilo. Até porque só nos restava começarmos a ler alguns livros e tentar descobrir a frase.

– A Ana estava a dizer que se lembrou de que poderia ser outro autor qualquer, mais ou menos da mesma época – disse o Luís.

– É verdade! – confirmou a Ana – Estive a ver nas coisas do meu irmão e ele tem lá bastantes livros de autores do século passado e do início deste.

– É uma questão de começarmos a ler esses livros que o teu irmão deixou. Mas, na realidade, tenho-me preocupado mais com aquilo que o Pedro deixou escrito na carta que me entregaste no dia a seguir ao funeral – disse eu.

– Qual carta? – perguntou o Paulo, que, pelo visto, ainda não tinha conhecimento das palavras que o Pedro tinha deixado escritas pouco antes do seu último suspiro.

– Tenho-a aqui. Fala sobre a sociedade em que estamos, sobre as pessoas se estarem a tornar robôs programados para viverem uma vidinha trivial e inútil – respondi-lhes, e mostrei-lhes a carta.

Os que ainda não a conheciam leram com atenção.

– Por que é que achas que ele escreveu isto? – perguntou a Susana.

– Não sei – respondi –, talvez quisesse dizer, não só a mim mas a todos nós, que temos uma grande responsabilidade de intervir e de fazer com que o cenário atual seja mudado. Ele fala, na carta, em deixar relações superficiais e começar verdadeiras relações de amizade e partilha. Penso que, sobretudo, ele queria que a nossa existência não se limitasse ao que nos é imposto pela sociedade, que não nos deixássemos arrastar pelo quotidiano e fôssemos um rastilho de luta na mudança do mundo.

– Eu acho que devíamos pensar em qualquer coisa que pudéssemos fazer para mudar isso – disse a Ana.

– Boa noite, pessoal! – disse o Miguel, que tinha acabado de chegar com o Jorge, enquanto nos cumprimentava a todos e pedia desculpa pelo atraso. Interrompemos a conversa, tirámos os bilhetes e entrámos no pavilhão.

Entregámo-nos, durante cerca de duas horas, a um som intenso e a letras que falavam de revolução, de não alinhamento, de corte com a rotina. Falavam do amor e da partida para algo novo, de uma busca interior. Falavam no papel que cada um podia ter na luta por um mundo mais justo e verdadeiro. Falavam da luta pela liberdade; da irreverência juvenil, falavam de esperança. Falavam-nos de tudo isto as canções que durante o concerto nos faziam entoar os coros, saltar, levantar os braços ou acender isqueiros. Falavam-nos, sobretudo, de sonhos.

Mas, como tudo o que é bom acaba, também o concerto acabou. Dirigimo-nos a um café que havia ali perto e que ainda se encontrava aberto àquela hora. Pedimos cafés, chá, torradas e bolos. Ficámos ali quase uma hora a regalar-nos com aqueles petiscos e a conversa girou à volta daquilo em que as músicas falavam e do que tinham despertado nos nossos corações.

– Realmente, é incrível o estado em que estão as coisas hoje em dia! – disse o Jorge, enquanto mastigava o último bocado de pastel de nata.

– Será que as pessoas não entendem que o mais fácil é criticar, o difícil é fazer alguma coisa para alterar a situação. – resmungou o Paulo. – O vosso problema é que fartam-se de dizer que é preciso mudar, mas não fazem nada para que isso se altere.

– Estás a ser injusto! – disse o Jorge, enquanto se levantava, ofendido por esta acusação.

– Ai sim, então diz-me lá o que é que tu fazes de especial? – perguntou o Paulo, enquanto se levantava também e ficava frente a frente com o Jorge.

A conversa iria com toda a certeza tomar proporções mais violentas se a Susana não interrompesse.

– Parem! Estarmos para aqui a gritar e a discutir uns com os outros não resolve os nossos problemas, por isso vejam lá se acalmam os cavalos e dão sugestões para resolver o problema.

Então, a Ana, que até ali tinha estado alheada da conversa, decidiu intervir:

– Se isto nos preocupa a todos, temos de fazer alguma coisa. Não podemos continuar a fingir que não sabemos de nada. Já temos idade para sermos responsáveis e fazermos alguma coisa. O mundo está lá fora à espera de que nós tomemos uma posição.

– Sim – concordou a Susana –, mas vamos começar por onde? Vamos fazer o quê?

Enquanto as perguntas ficavam no ar, o empregado do café pediu-nos para sair, visto que já era tarde e estávamos a fazer barulho suficiente para acordar todos os moradores do prédio. Saímos, contrariados, e enquanto caminhávamos pelas ruas e nos dirigíamos a nossas casas o Paulo decidiu acordar o bairro inteiro a gritar: «Nós vamos mudar o mundo! Um dia, quando acordarem, vão notar a diferença!»

Naquele momento, todos sentimos a intensidade e a força que tinham aquelas palavras, que o Paulo ia repetindo bem alto.

– Calem-se, senão chamo a polícia! – gritou uma mulher, de um dos prédios.

«Chame quem quiser, minha senhora, a revolução já não para...» pensei, decidido, enquanto virávamos a esquina.

*

Como não havia ideias concretas do que devíamos fazer, decidimos que, quando nos reuníssemos todos na casa de praia do Luís, para a passagem de ano, procuraríamos encontrar uma forma de iniciar a mudança que todos desejávamos.

Depois de nos termos despedido e deixado um a um junto à porta do respetivo prédio, ficámos só eu e a Ana.

Fizemos todo o caminho em silêncio. As ruas estavam mudas e não passava um único carro. Quando chegámos à porta do prédio dela, ela virou-se para mim e, com o ar pensativo que a tinha acompanhado durante todo o caminho, perguntou-me:

– Alexandre, lembras-te daquele texto que leste no outro dia no computador, em minha casa?

Estranhei a pergunta, mas acenei com a cabeça e disse-lhe que sim.

– Sabes – continuou ela –, é que eu gosto de um rapaz, só que...
– interrompeu o discurso como se lhe faltasse a coragem para continuar a falar – ... esquece!

– Não, continua! Em que é que eu te posso ajudar?

– Esquece, a sério, é estupidez minha estar a pensar nisto.

– Vá lá, Ana, se começaste a falar nisso é porque precisas de falar com alguém. Por que é que não me contas o que se passa para ver se eu te posso ajudar?

Depois de um momento hesitante, respirou fundo e começou a contar-me aquilo que ia no seu coração.

– Eu gosto de um rapaz, só que não sei se ele gosta de mim e por isso nunca lhe disse. Só que, ultimamente, com a morte do meu irmão e tudo o mais, estou cada vez mais próxima dele e com vontade de lhe dizer tudo aquilo que sinto. A questão é que tenho medo de uma resposta negativa e por isso tenho ficado sempre calada para não perder pelo menos a amizade que eu e ele temos.

– Desculpa lá, Ana, mas ficares calada é a pior atitude que podes tomar. Quaisquer que sejam os sentimentos que esse rapaz nutre por ti, o melhor que tu lhe podes dar como amiga é dizeres-lhe que gostas dele. E mesmo que ele não queira mais do que a tua amizade, certamente será muito melhor do que viveres sempre na dúvida se ele gosta ou não de ti.

– Não sei, tenho vergonha de lhe dizer, já o conheço há tanto tempo, já passámos tanta coisa juntos que tenho medo de deitar toda uma relação de anos por água abaixo. Ele parece sempre mais preocupado com outras coisas e, além disso, deve achar que tenho uma mentalidade muito infantil, porque ele às vezes fala tão bem e tem conversas tão interessantes que eu tenho medo de ser demasiado simples e de não conseguir que ele se sinta atraído por alguém como eu. Até porque há mais raparigas que gostam dele, por que é que ele iria gostar logo de mim?

Ela continuava a rebaixar-se. Achei que devia incentivá-la a demonstrar os seus sentimentos:

– E por que é que não há de gostar? Por que é que não podes ser tu a amada dele? Acredita, o melhor que podes fazer é mostrares-lhe o que sentes, a ele, neste caso particular, e a toda a gente que se cruza contigo na vida, e que não deve esperar de ti senão a entrega total

em todos os momentos. Os nossos sentimentos só fazem sentido se forem partilhados com os outros, percebes?

– Eu até acho que tens razão, mas o que me custa mais é dar o primeiro passo. Se ele gostasse de mim já tinha vindo falar comigo, e como não veio é porque não gosta, é fácil de perceber.

– Já me estás a irritar! – desabafei. – Por que é que te estás a rebaixar? Acredita que não ficas a dever em nada a qualquer outra rapariga. Já pensaste que ele se calhar também está com medo de que tu não gostes dele ou, ainda pior, que nunca tenha posto a hipótese sequer de gostar de ti por também achar que não tem qualquer hipótese de namorar contigo? Eu falo por mim, mas acho que qualquer rapaz gostaria de saber que tem uma rapariga tão bonita, sensível e interessante como tu apaixonada por ele. Se fosse eu a ser amado por uma rapariga como tu, ficaria muito feliz e, ainda que não sentisse o mesmo, sentir-me-ia honrado por uma rapariga demonstrar tal admiração e amor por mim.

Depois daquelas minhas últimas palavras, ela ficou um pouco a pensar e a sua expressão modificou-se um bocado.

– Obrigada pelas tuas palavras, vou ver se sigo o teu conselho. Agora tenho de subir que já é tarde – disse ela.

Depois de nos despedirmos, fui para casa percorrendo as ruas desertas. Quando lá cheguei, estava ainda sem sono e pus-me a pensar, à janela. Sempre a mesma janela, sempre a mesma vista, sempre o mesmo espaço, não há nada que mude nesta vida. Mesmo o jardim em que brincava quando era criança, até esse, permanece igual. Só a minha vontade de brincar nele é que desapareceu. Para quê tudo isto? Para quê ir-me deitar e levantar-me todas as manhãs para ver as mesmas coisas, as mesmas pessoas, as mesmas rotinas. Tenho-me debruçado centenas de vezes sobre estas questões, e agora cada vez mais, sem nunca encontrar as respostas. Talvez eu seja só o que pergunta. O que não sabe a resposta...